

1 Introdução

Este trabalho pretende ser uma opção à necessidade pastoral, de uma análise da questão ética conjugando a perspectiva cristã que trata da questão da fé como força orientadora das ações humanas não só em franco diálogo, mas, sobretudo, a partir das agudas observações advindas da seara filosófica, especificamente pela instrumentalidade das idéias de Paul Ricoeur. Assim sendo, esta dissertação vem preencher uma lacuna no que concerne à interface da teologia com a filosofia, no campo específico da ética e principalmente com a ética ricoeuriana que, embora muitíssima vigorosa, como atestam os seus variegados escritos, no entanto percebemos que ainda não foi suficientemente explorado.

É, pois, notório que muitos aspectos do pensamento desse filósofo, sobretudo quando reflete sobre hermenêutica filosófica e hermenêutica bíblica, a crítica da religião e a linguagem da fé, a idéia de revelação, o homem e seu mistério, etc, tudo isto é em território brasileiro muito discutido, refletido e estudado, principalmente no campo da teologia. Observamos ainda que este mesmo autor é apreciado em outras áreas de conhecimento como na filosofia, na psicologia, em letras, antropologia, etc, justo porque seus aportes representam muito ao cabedal do saber humano em várias áreas: a hermenêutica, a linguagem, a semiótica, e como vimos, também a teologia. Entrementes, percebemos acerca do pensamento ético que há em nosso território, uma necessidade de recuperar as contribuições desse filósofo que não são poucas e por isso dignas de apreciação justamente porque se não resolve definitivamente o problema, pelo menos nos inquieta e nos desinstala, nos conduzindo, por fim, a um olhar mais crítico aos modelos éticos utilizados até o presente. Além disso, essas mesmas contribuições ricoeurianas nos encorajam a sonhar um novo mundo, plenificado por uma ética mais integral, mais humana, mais próxima daquele reino do qual falara Jesus Cristo.

Então, esta reflexão busca responder a esta carência, que prescindiu do pensamento ricoeuriano acerca da questão ética, e que certamente se deveu pelo simples fato de Ricoeur não ser exatamente um moralista ou mesmo um pensador adstricto a esse tema. Não obstante, a ética resvalou, por assim dizer, todo o seu itinerário intelectual, indo dos primórdios de seus escritos que mesclavam essa temática com a da política, ainda que de um modo difuso, discutindo questões como a vontade, etc. Isto é o que se pode concluir depois de uma incursão atenta nas obras desse genial pensador. Logo, uma reflexão séria a partir desse itinerário proposto pelo filósofo, cumpre a função de oferecer ao povo cristão um percurso integrador da vida; desde os mais simples até a comunidade acadêmica, bem como a tantos que se fizerem endereçados desse modo de pensar a ética sob o influxo da fé, do respeito ao outro, a si mesmo, ao mundo da natureza e a Deus, num universo cujas fontes de sentido são cada vez mais variegadas, mas nem sempre afinadas à proposta maior do seguimento de Cristo.

Ricoeur é assumidamente um homem de fé, por isso seus escritos deitam raízes profundas no cristianismo, sorvendo tudo quanto de louvável nele há, bem como dele se servindo, qual bússola do viajante que se lança na aventura do mar do conhecimento, refletindo mui competentemente como o mestre da escuta, do diálogo, e o guia generoso de um itinerário ético (que no dizer de Paulo, se diz:) do bom combate. Portanto, a ética é uma temática que norteará as linhas que se seguem, até porque o filósofo em questão nunca pretendeu ou pelo menos não fez um trabalho sistemático, tornando necessário perscrutar seu legado a partir desse palpitante tema. Trata-se de uma proposta devidamente refletida, sacudida e ponderada, que traz à baila temas tão caros à tradição religiosa, logicamente para dentro de seu horizonte de pesquisa, e que por isso mesmo pode e deve ser recuperado numa reflexão como esta.

Sobre o modo como se descortinará esta empreitada, começamos dizendo que a obra inicia discutindo o contexto no e a partir do qual Ricoeur encontra a discussão em torno do tema da ética, que neste exato instante paira sobre uma concepção fortemente entendida como obrigatoriedade. Doravante, o filósofo vai suscitar sua crítica na intenção de promover uma revira-volta nessa visão de mundo que despotencializa a pessoa humana, impedindo ou mesmo mediocrizando sua capacidade e vocação para ser artífice de sua própria cultura, em cujo interior está o plano ético. Para tanto, ele analisa a ética no interior do

mundo ocidental; revisita a influência exercida por Santo Agostinho; discute a questão dos mitos e dos símbolos e suas respectivas contestações; analisa as bases do ocidente relativas ao tema, bem como o significado de Deus no interior desse modelo, etc.

Dado este primeiro passo, engrena-se na proposta sugerida por Ricoeur de articular ética com esperança, permitindo-a se realizar como produto do real encontro do eu dos atos com o mim paciente dessa mesma ação. Daí percebe-se e assume-se aquilo que já está implícito no princípio esperança, e que se realiza como sua aparente contradição, mas que necessariamente não lhe contradiz, porque não é sua antítese, mas sim um limite que se projeta da esperança à desesperança, mas de cujo acento dependerá do modo como nos deixamos impactar pela vida: fala-se aqui mais especificamente do legado da angústia. Também será tratados ainda nesse capítulo o lugar da imaginação, sua riqueza, impacto e abrangência, “como potência militante a serviço de um sentido”. Mais uma vez se recorrerá à temática da esperança, desta feita articulando-a dos modos mais variados com o cristianismo, tendo como pano de fundo o sentido escatológico cristão, o que demonstra a incondicional afiliação do pensamento ricoeuriano a fé neotestamentário. E por isso, a escatologia será um importante artifício de orientação de suas pesquisas, seja em qualquer direção: desde os estudos bíblicos, até onde sua criatividade foi capaz de penetrar.

Por fim, é traçada uma perspectiva especificamente cristã de como o amor pode se realizar como uma proposta de uma ética aberta, que supera o dualismo pelo seu caráter sintetizador, corroborado pela esperança, pela inteligência da fé, pelo outro e pela cultura; capaz de liberar o homem das cadeias de um destino sombrio, onde a dimensão da pessoa humana fica solapada pela desleal concorrência com uma força supostamente imperiosa e superior. Vai-se costurando nesse capítulo, uma intenção que busca mostrar que na aproximação do homem com o ser ulterior, muito longe de resultar numa agressão à integridade de sua criaturidade, é justamente aí, e somente nessa relação, que a liberdade humana está assegurada e resguardada; tendo em vista que Deus é parceiro e não concorrente do homem, diante do qual ele pode, na liberdade, dar uma resposta à sua interpelação fundamental, e encontrar nele o sentido último de sua existência.